

POR UM PAÍS DE BROCHÁVEIS (ou...tudo o que é sólido desmancha no ar)

Nos últimos dias o assunto principal tem sido a afirmação do presidente de que é imbrochável. Quase sempre a abordagem do assunto tem sido irônica, brincalhona, afirmando o caráter tosco (para dizer o mínimo) desse senhor que nos governa e pretende continuar nos governando. Não é fácil comentar esse episódio grotesco para além das críticas depreciativas a quem proferiu tal afirmação. O risco de cair num machismo rasteiro é sempre grande. Não é de se estranhar que termos como “pistola”, “cassete”, “pau”, “trabuco”, e outros, sejam utilizados como sinônimos para o pênis. Como sou o contrário de tudo o que ele pensa, diz e faz, isso me remete ao fato de eu, por conclusão, ser brochável.

Primeiramente penso ser importante lembrar que o sufixo latino “vel” é utilizado para formar adjetivos a partir de verbos, com a ideia de “ser possível, ser imaginável”. Assim, por exemplo, quando se usa a palavra “admirável” o significado é “aquilo que pode ser admirado”. Ou “questionável”, ou “inflamável”, e assim por diante. Nessa linha de raciocínio, a expressão “imbrochável” significa uma possibilidade ou um desejo, nem sempre uma realidade.

Vou correr o risco de afirmar que um país composto por pessoas (homens e mulheres) brocháveis seria melhor do que um bando de machos se auto definindo como imbrocháveis, se é que isso seja verdade. Penso que ser brochável pressupõe que uma relação sexual se realiza com pessoas sensíveis, que se entregam de corpo e alma, que trocam afetos, que se respeitam, que se erotizam por palavras, sentidos e emoções, que compartilham o momento e planejam o futuro e não ficam apenas preocupadas com a rigidez do pênis, seu ou do companheiro. Homens que defendem sua imbrochalidade transam com o próprio pênis e não com sua companheira ou companheiro. Não se importam com o prazer do outro.

A imbrochalidade não é só do pênis, mas do pensamento e do modo de agir, da relação com o mundo. O desejo da imbrochalidade tenta esconder o receio de falhar, e o receio de falhar faz com que qualquer coisa pareça acerto. A obsessão pela imbrochalidade nega o processo vital humano e faz com que o parecer substitua o ser. A afirmação da imbrochalidade revela o caráter medroso dos insensíveis.

Assumamos, portanto, nossa brochalidade, nosso estado sempre incompleto, nosso reconhecimento do inconsciente, nosso desejo de sermos melhor do que antes

e respeitarmos nossos parceiros e parceiras num processo de descoberta da sexualidade, da erotização e da busca do prazer. O país seria melhor do que está.

“Você me abre seus braços, e a gente faz um país”

(da música Fullgás, de Marina Lima e Antonio Cícero)